



Gaicato



Quinzenário

6 de Abril de 1991

Ano XLVIII - Nº 1228 - Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Americo

PÁSCOA

«(...) No primeiro dia da semana, Maria de Magdala foi de manhãzinha, ainda escuro, ao túmulo e viu a pedra retirada do túmulo.»

Uma mulher dá a notícia e dois discípulos, Pedro e João, saem a correr a caminho do sepulcro.

Está vazio. O discípulo amado «viu e acreditou». Viu o sinal de um sepulcro vazio e umas ligaduras no chão, testemunho mudo de um corpo ausente. E acreditou, isto é, captou o verdadeiro sentido do acontecimento: Jesus pertence ao mundo dos vivos. Não tardará a hora, na Igreja nascente, em que serão proclamados «felizes os que acreditam sem terem visto».

Pela força desta fé há-de ver-se o Ressuscitado no rosto feliz do João que, por pouco, era vendido pelo pai, numa taberna das redondezas do bairro imundo onde vivia.

Pela força desta fé há-de ver-se o Ressuscitado na festa de todos os dias com os dois pequenos que haviam sido deixados à porta dum acolhimento, no Porto.

Com a força desta fé não mais haverá descanso enquanto a «pedra» da miséria não rolar da boca do buraco onde mora a mulher com os cinco filhos...

Com a força desta fé não-de ser colocados os tijolos para a construção das moradias que a burocracia teima em retardar e complicar.

Pela força desta fé vemos o Ressuscitado na mãe viúva que veio, lá de longe, do alto dos montes, trazer todo o dinheiro da sua primeira reforma.

Pela força desta fé temos a certeza de que não há-de faltar os que buscam o Ressuscitado nos mais caídos: o garoto da rua; as famílias desfeitas; o doente incurável; os Pobres.

Os homens devem sentir-se irmãos por força desta fé. O medo mudar-se-á em alegria; a insegurança em certeza. A mesma Obra do Ressuscitado há-de ser continuada pelo discípulos.

É a Páscoa!

Padre Manuel António

Direitos da Criança

A nossa vida é sempre rica de partilha. Dons e dores chegam misturados, proporcionando ajuda..., pedindo ajuda... Não é por falta de dons que as dores não são todas mitigadas. É pela desproporcionada pequenez dos portadores de remédio para a grandeza dos males a remediar. É por causa de tantas energias queimadas em vão. Sobram técnicas, faltam Pelicanos. Que rendimento social se não alcançaria, se se atendesse e procurasse realizar a definição de Pai Américo: «Técnico é aquele que ama!» Há feridas que só se curam com sangue picado do peito de quem sinceramente queira curar.

Este fim-de-semana trouxe-nos um SOS, aflito, urgente, como é próprio de um tal clamor em hora extrema. O Armando vai a caminho dos 6 anos. «É uma criança com bom desenvolvimento físico, no entanto o seu desenvolvimento psicológico manifesta um grande atraso.» (Cito do relatório que nos foi apresentado.) «Tem dificuldades de

se integrar em grupo, preferindo ocupação individual. No que se refere à linguagem, manifesta um grande atraso, pelo que a comunicação com o adulto é muito mais gestual. Sofre de estrabismo, do qual tem manifestado uma lenta recuperação.»

Tem pais e cinco irmãos. «Esta família residia num vão de escada, de onde foi transferida em Janeiro de 1990 para uma casa de tipo 1 de bairro camarário, habitação exígua e inadequada à dimensão do agregado familiar, mas aquela que a Câmara pôde disponibilizar naquela data.» A família (com mais dois filhos deficientes mentais) tem tido apoios sociais vários e especializados, «mas não tem havido a necessária colaboração dos pais para que o apoio se concretize.» «Em visita domiciliária, constatou-se grande desorganização

familiar, verificando-se que o mínimo serviço doméstico estava a ser assegurado por uma filha de 9 anos.» «O pai trabalha na construção civil mas alheia-se da orientação dos filhos; a mãe, embora verbalize a sua afeição às crianças e a sua revolta por lhe ter sido retirado o Armando, não se revela capaz de assumir o cuidado da família.»

Isto é atestado por quatro Técnicos Sociais de outros tantos departamentos.

E o problema desta família não é de dinheiro, pois, segundo «consta nos Serviços de Habitação da C. M. P., ela tem uma reforma por invalidez de cerca de cinquenta contos e ele um vencimento médio do mesmo valor!» Trata-se de carência muito mais trágica do que a de bens materiais, também indispensáveis, mas não só... como se

vê! E tantos e tantos casos assim!

Ora o Armando (não sei porque só ele e mais nenhum dos irmãos) foi retirado da família (também não sei exactamente quando) e tem estado em Colocação Familiar, primeiro em um casal inglês (segundo informação verbal da Assistente que nos contactou) e desde 1 de Fevereiro de 1989 (volto de novo ao relatório) numa família canadiana que, embora «com condições habitacionais, capacidade psicológica e afectiva para o acolhimento do menor», vai regressar ao seu país e não pode mesmo acolhê-lo mais.

E o Armando, para onde há-de ir? Regressar à família de que nasceu, da qual, pelo quadro descrito, não é razoável esperar mudança que inverta as razões que levaram

Continua na página 2

Tribuna de Coimbra

• Enquanto na oficina reparam uma avaria na carrinha aproveitei e fui dar uma volta longa.

Comecei por admirar o mundo novo de trabalho e trabalhadores a fundir pilares e placas do viaduto que vai sair da ponte-açude até Trouxemil.

É um mundo em movimento. Muitas máquinas. Muitas ferramentas. Muitos materiais. Muitos homens trabalhadores.

Foram duas horas deliciosas a ver gente agarrada ao trabalho. Assim, acredito que a obra estará pronta antes do prazo previsto. Cada um na sua missão. Autênticos construtores de um mundo novo.

Tantas vezes tenho ido ou passado em lugares públicos de trabalho e não vejo as pessoas a trabalhar. Hoje fiquei consolado ao ver aquele mundo de gente e máquinas em movimento. Só pelo trabalho e dedicação conseguimos preparar o mundo novo que se aproxima e nos espera.

• A seguir passei por uma quinta que já foi amanhã. Hoje está quase toda de relva. Encontrei lá uma mulher, já de idade, a cavar a terra. «Trabalhei desde os onze anos numa fábrica e agora estou reformada. O meu homem anda ali a

guardar duas ovelhas. Amanhã aqui um bocadinho de terra para semearmos umas batatas. Isto está tudo abandonado.»

Fiquei a olhar aquela mulher de enxada na mão a preparar a terra para a sementeira. Continuei o meu caminho e rezei para que o trabalho nunca escravize as pessoas.

• Ao cimo da calçada subi os degraus da igreja. A subir ia também uma boa amiga. Os anos e a vida já lhe pesam e a meio da escadaria teve de parar. Conversámos uns momentos. Falou da alegria por hoje ver o sol depois de tantos dias de chuva. «O meu homem não tem podido sair de casa e custa-lhe muito estar fechado. Vale-nos a nossa casa ser grande, pois, graças a Deus, já temos sete netos. É uma casa cheia.»

Entrámos na igreja. Dei graças a Deus por esta família e por todas as que nos têm ajudado. Fico sempre muito contente quando encontro uma família numerosa que dá graças a Deus. Hoje aparecem poucas.

Voltei à oficina e a carrinha estava pronta. Paguei onze contos e quinhentos e regresséi a Casa. Os pés moídos, mas alegre por estes encontros e por este primeiro dia de Primavera.

Padre Horácio



A alegria da Páscoa no rosto do Tiago

PELAS CASAS DO GAIATO



Nas horas de lazer enchem os pulmões de ar puro e curam-se do lixo da Rua

Conferência de Paço de Sousa

De alguns utentes do Património dos Pobres não é fácil conseguir o mínimo de ordem e limpeza nas moradias. São pobres de tudo: seja por uma vida inteira mergulhada no lixo, seja pela própria tradição familiar — que tem muita força.

Exactamente por isso, e com vista à sua promoção social, Pai Américo deixou, aos vindouros, oportuna sugestão assente na sua velha tarimba: não se prescindir da acção vicentina onde haja moradias para Pobres.

Não é tarefa fácil. Sempre inacabada! Mas, ao menos, damos a mão, de muitas formas. Os Pobres sentem-se acompanhados.

Vem isto a propósito dum caso recente: Um morador, migrante, não tinha jeito para nada. Aguentámos, insistindo por mudança. Não foi possível! Agora, infelizmente, abalou. Ninguém sabe para onde. O edifício será ocupado por outro que tem pena «de não ser trolha, pintor, carpinteiro», mas deitará a mão «no que puder e souber». Já limpou o telhado, com carga de muitos anos. Ajardinou a entrada da residência, com mestria. Sentem-se feliz. Está na sua casa!

PARTILHA — Dez notas, da viúva do assinante 11531, de Mem Martins, recomendando: «Façam chegar a importância às mãos duma viúva, de preferência com filhos». Cumprimos. «Velha amiga da Figueira» pede «uma oração por pessoa amiga com um problema difícil». Levantemos a alma ao Céu!

Remanescente de contas, da assinante 2678, do Porto. Extensa carta do assinante 25199, de Carvalhosas (Coimbra), com a amizade de sempre. A assinante 49647 divide e «o que sobejar apliquem em qualquer problema da Conferência de Paço de Sousa». Vinte notas, do assinante 20909 que por nós

passou discretamente, e nem tivemos tempo de lhe dizer até sempre! Outro cheque, do assinante 32973, de Viseu, acentuando: «para onde julguem fazer jeito». Remessa habitual, do Fundão. Retribuímos as saudações amigas. Presença renovada, de «Manuel de Braga», destinada «às irmãs viúvas», recomendando breve nota n'O GAIATO para se motivar «mais amigos(as) com suas ofertas».

Assinante 13171, de Nelas: «Envio um magro cheque para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Se todos os que têm o suficiente tirassem um pouquinho, poderiam remediar muitos que tanto sofrem». Dez contos, da assinante 21319, invocando Pai Américo. Presença, discretíssima, da assinante 50283: «Não quero que agradeçam. Quero ficar anónima». Grande coração! «Pelo restabelecimento» da assinante 26731, o marido manda um cheque «para ajudarem doentes pobres conforme a distribuição que julgarem melhor».

Habitual sobrescrito deixado no Lar do Gaiato, do Porto, com mil escudos. Vinte mil, da assinante 49562 «para minorarem a situação de maior carência». Cinco, do assinante 42971, de Ovar, pedindo que sejam entregues aos «Pobres mais necessitados, aos mais envergonhados». Que bem!

Isabel, do Porto, deixa mil escudos no Espelho da Moda, e lembra três irmãos. O Senhor escutou! Mais um donativo de Maria do Rosário: «Como estamos na Quaresma, resolvi fazer um pequeno sacrifício e renunciar a uma pequena lambarice (sou muito lambariceira nos meus 82 anos!) que muito bem me saberia. O dinheiro que poupei destino-o à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Dois mil, do Porto, «para o leite duma família pobre, pelas melhoras da minha irmã». Metade, da assinante 26302. E o delicado foliar da Rua dos Bombeiros Portugueses — Faro. Retribuímos votos de santa Páscoa e, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — Os pedreiros andam muito atarefados com os muros, perto da vacaria. Estão quase prontos. E dão mais beleza àquele sector.

COZINHA — Por via das obras de remodelação, para que fique mais funcional, mudaram-se os fogões antigos, por novo material.

A verdade é que o nosso cozinheiro, um gaiato da velha guarda, continua a preparar boas refeições que são uma delícia para a malta.

VISITANTES — Temos recebido várias excursões do Norte do País. A nossa Aldeia merece uma visita assídua dos nossos Amigos. Venham sempre. São bem recebidos pela comunidade.

EXPONOR — Como não podia deixar de ser, os nossos gráficos visitaram a Feira dedicada às Artes Gráficas.

Faz-nos bem analisar a evolução da tecnologia, que avança todos os dias. Assim, não ficamos descalços. E com mais força para nos prepararmos com vista ao mercado do trabalho.

DESPORTO — No dia 16 de Março defrontámos mais uma vez a equipa das Cavadas. Foi um encontro bem disputado.

A nossa equipa estava desfalcada, mas mesmo assim conseguimos

RETALHOS DE VIDA

«TOPOGÍGIO»



Quintino

levar de vencida o Cavadas por 5-4.

No dia 24 jogámos contra o Assento. As duas equipas praticaram um bom espectáculo. A nossa, melhor tacticamente e mais homogénea, acabou por ganhar o jogo com muita facilidade: 4-1.

«Cebola»

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Semeámos a batata no olival.

O Abílio ficou encarregado de abrir os regos, enquanto a sra. Mabilia e o Manuelzito cortavam as batatas. Em seguida, um grupo foi espalhar o estrume nos regos.

Entretanto, chegaram os estudantes de Coimbra, que começaram a pôr a semente e outros a tapar.

Depois do grupo organizado, pegámos no serviço a sério. Acabámos no dia seguinte, à hora de almoço.

Também semeámos algum feijão no quintal da tia Adelina.

BANANAS — Visto que acabou a remessa de iogurtes, desta vez, para variar, trouxeram uma carrada de bananas, de que os rapazes gostam muito. É uma alegria ver a malta a comer nas refeições!

DESPORTO — Defrontámos uma equipa do Areiro (Coimbra). Foi um jogo bem disputado. Ao intervalo vencíamos por 2-1.

Na segunda parte, as coisas complicaram-se, a equipa adversária empatou, mas a dez minutos do final marcámos outra vez e fixámos o resultado em 3-2.

A equipa visitante, mostrando o seu optimismo e simpatia, deixou uma taça e uma medalha a cada jogador.

Obrigado. Apareçam sempre!

Serafim

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — António e Emília tinham a vida organizada na Lousã. Apesar das suas dificuldades económicas eram felizes. Têm dois filhos (5 anos e 18 meses) e esperavam o terceiro, até que o irmão os convidou a deixar tudo porque tinha conseguido uma casa nova em Gondomar, que dava para todos, e trabalho não faltava e a ganhar mais.

Eles fizeram as contas e desfizeram-se dos poucos haveres que tinham, juntaram dinheiro para a camioneta e rumaram em direcção à «melhor vida». O irmão esperava-os na paragem da camioneta.

A alegria depressa virou em tristeza, ao entrar na casa nova. Paredes ao alto e telhado era só o que havia; o resto tinha sido desfeito ou roubado por oportunistas pela ausência do dono no Brasil. O irmão, julgando a casa abandonada, instalou-se e convidou-o a viver com ele. Pouco tempo estiveram juntos. Entretanto, foram convidados a abandonar o local e a troco de dois contos o irmão deixou o António sem saber para onde ir. Tudo lhe era estranho; valeu a pronta acção dos vicentinos de Valbom que o têm amparado e tentado encontrar solução para o António.

Contactaram os nossos padres e, por fim, vieram até nós de mando deles.

Fomos ao encontro do António e da Emília. Vivem na corte dos porcos sem janelas. Portas, luz e água também não têm. O António tem 33 anos, é defi-

ciente de um braço e perna, não pode pegar em coisas pesadas, mas quer trabalhar, tem muito jeito para jardineiro. Ele quer trabalhar para sustentar a família e reconhece o bem que lhe fazem.

Temos tido dificuldade em arranjar casa ou um bocadinho de terra onde o António possa construir a sua casinha. Os vicentinos, de lá, experimentam as mesmas dificuldades. Nós acreditamos nos bons corações.

Vamos todos dar as mãos e ajudar o António.

Todos juntos não somos demais.

Campanha tenha o seu

Pobre — «Em comunhão convosco envio 3.300\$00.» De J.R.D., 5.000\$00 «para o que for mais urgente aplicar», duma assinante. 5.000\$00 para a mãe solteira, de 15 anos, da assinante 32969. As roupas que nos enviou já foram todas distribuídas. Obrigada. Anónima, de Paranhos, 5.000\$00. M.B. Costa, 5.000\$00; M.R. Leite, 5.000\$00 «com fraternas saudações». 5.000\$00 «para aquilo que for mais necessário». M.M., 500\$00 para pagamento das cotas de M. Plácido. Anónimo, 2.500\$00. Da Holanda, sempre presente, 7.000\$00. Anónimo, «para a Conferência do Lar do Porto», 20.000\$00. Anónimo, 2.000\$00. Outra, com 5.000\$00. De Fiães, «o amor sem verdade é cego e dura pouco. Junto 5.000\$00, pequena renúncia nesta Quaresma que se aproxima. Sei que são muitas as necessidades».

A mãe solteira agradece a oferta do leite que a farmácia oferece à filha.

Casal Zé Alves

Direitos da Criança

Continuação da página 1

à sua saída?... Voltar a outra «situação transitória de acolhimento», aliás procurada pelos «Serviços Sociais e pela própria família de colocação (...) mas que se tem manifestado extremamente difícil, tendo em conta os problemas que o menor apresenta?... Não bastará ao Armando o que já sofreu, para continuar como bola jogada de um lado para o outro por mais precioso que seja o campo? Não é a estabilidade afectiva condição indispensável ao desenvolvimento harmonioso da criança e por isso mesmo direito dela?

A Colocação Familiar, tal como a Adopção, são respostas boas e dignas se expurgadas da hipótese provável de transitoriedade ou de qualquer segunda intenção. Se são óptimas, por isso mesmo serão raras. Não podem ser medida aplicada indiscriminadamente, por moda ou por qualquer fobia das Entidades oficialmente responsáveis pela criança em risco. E não se venha bater à porta das Instituições, em última instância, por fatalidade. Que estas devam ser família e funcionar como tal, isso sim! Felizmente essa é a tendência que se vai impondo e tornando regra. Haja, pois, por elas, a consideração despida de preconceitos que elas, geralmente, merecem. E, sobretudo, haja bom senso e respeito pelos Direitos da Criança.

Padre Carlos

O problema da Habitação

O progresso social não está apenas na implantação de indústrias

Há tempos chegou-nos uma carta de alguém que sente o drama de muitos sem possibilidades de ter casa. É um reformado, na idade dos 60, que vive na sua há dez anos apenas. Ele fala do coração. Não tem a técnica dos entendidos, mas, porque ama, é um técnico. Estes fazem falta. Sem eles os outros falham.

Quem ouve e conhece no terreno os que querem fugir de situações degradadas ou constituir família e viver em condições mínimas de dignidade e responsabilidade não pode descansar. E se tem o poder nas mãos deve agir com urgência.

Quantas dificuldades na realização dos sonhos de tantos e tantos para quem a casa está no centro do seu viver! É o terreno que existe mas não está disponível. São os materiais que não param de subir no preço. São os projectos que ficam caros. É a burocracia que consome tempo, dinheiro, paciência e, finalmente, faz desanimar. São dificuldades quase intransponíveis para as bolsas magras de quem se propõe meter a caminho. Se nos grandes centros ou suas proximidades, pior. Nos meios rurais, para quem não há um bocadinho de terreno familiar, o problema já é complicado. Daí que nas aldeias apareçam habitações indignas, entretanto. E quem dera que, juntamente com a casa, houvesse sempre um pedaço de terreno para a horta, jardim, etc.

Temos contactado, sobretudo, as zonas rurais. A Autoconstrução devidamente apoiada, quer a nível de

autarquias quer da Igreja, em cada paróquia, é caminho certo que não leva, embora, à solução total. Mas é caminho seguro. Quem passa pelas estradas que atravessam as nossas aldeias dá-se conta da maravilha que é a Autoconstrução.

Há autarquias geridas por gente que sente o problema dos operários, dos trabalhadores do campo que mal ganham, muitas vezes, para o pão de cada dia e o sustento dos filhos e, por isso, não podem amealhar para construir sozinhos a sua casa.

Os autarcas, para quem gerir o bem comum é servir com inteligência e coração as pessoas que lhes estão confiadas quanto a muitas necessidades essenciais — a habitação é a primeira — podem e devem fazer muito neste campo.

Bem hajam aqueles que, em áreas da sua jurisdição, guardam terreno e o preparam para a construção de moradias em regime de Autoconstrução. Bem hajam! Prestam, deste modo, um serviço social da mais alta importância. O progresso social verdadeiro não está apenas na construção de grandes blocos de cimento armado ou na implantação de indústrias. A família é o núcleo dum corpo social feliz ou infeliz. Não há família sem casa. Por isso, a habitação é um problema primeiro.

Bem hajam as autarquias que dão a mão ao seu povo e caminham na frente. Temos encontrado pequenos aglomerados de habitações em sítios onde não há ruas em ordem, nem electricidade, nem casas alinhadas porque são clandestinas. Uma das causas é a falta de iniciativa dos responsáveis pelo poder local. Não vão à frente. E, quando dão conta, é tarde.

Seria maravilhoso que em cada comunidade camarária ou de freguesia houvesse um espaço reservado para os autoconstrutores sem terreno

para a construção da sua casa. Seria o equilíbrio entre o particular e o comunitário. Entre o individual e o social. A riqueza material seria suplantada pela riqueza humana.

Conheço, ao pé da porta, uma família composta por mãe viúva e 7 filhos que não tem lugar para construir, nem dinheiro, nem nada. A conferência vicentina tem dado voltas a ver se descobre um pedaço de terra, na freguesia, para levantar a casa, de mãos dadas com outras mãos, e não encontra. O terreno existe, mas não é disponibilizado, por falta de sensibilidade social e de vontade. Com estas achegas pequeninas, à maneira de ténues fios d'água, resolver-se-iam muitos problemas. Outros seriam para quando aparecer o plano nacional de habitação, feito com cabeça e com a sabedoria do coração.

O nosso correspondente acrescenta: «Nos grandes centros urbanos e arredores, a construção é condicionada pelas Câmaras, o que supõe implantação de infra-

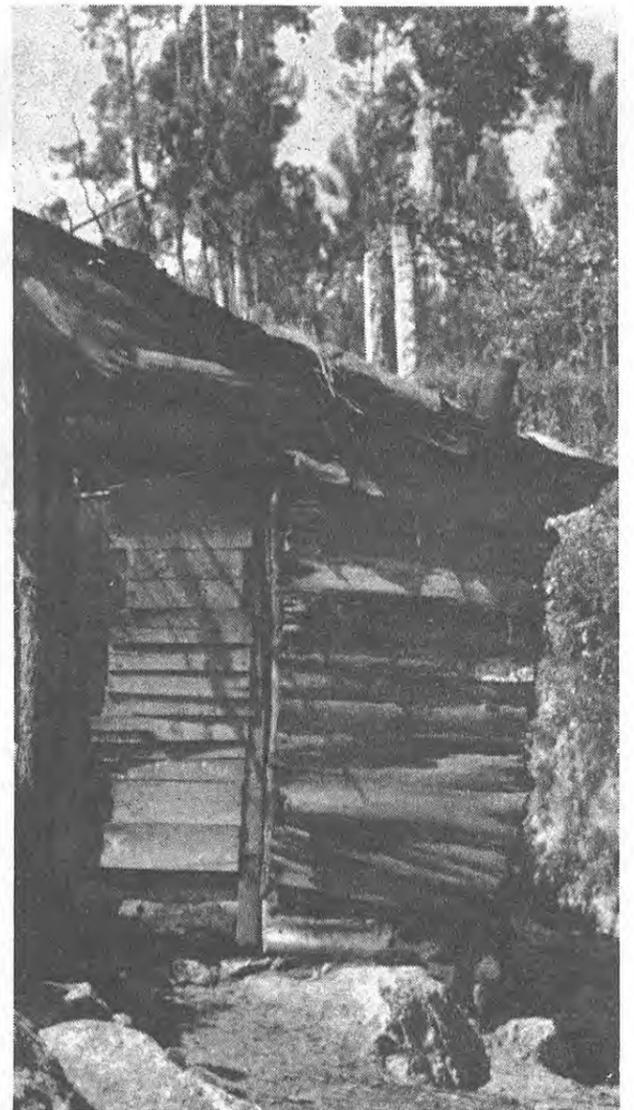
estruturas e taxas que a tornam muito cara, agravada pela procura de terrenos.

Mas, como alternativa, para tornar mais fácil a aquisição de casa própria, os interessados poderiam adquirir o andar em fase de acabamento, isto é, a faltar-lhe por exemplo, caixilharia e interiores que seriam ultimados de acordo com suas posses e seu gosto, criando assim uma forma de participação na construção, o que ficaria mais barato ao construtor que, por sua vez, poderia vender o andar mais em conta».

Há um pormenor interessante nesta proposta que, se não interessasse a muitos, a outros agradaria, com a vantagem de se poder investir um capital humano que existe em vez do financeiro que não se possui. É uma forma de aplicar o dinamismo da Autoconstrução em circunstâncias muito próprias.

Sabe-nos bem ler e ouvir opiniões de quem experimentou o caminho longo e duro para ter a sua casa.

Padre Manuel António



Nos meios rurais e suburbanos proliferam habitações indignas!

PARTILHANDO

• Com uma carta da nossa médica apresentei-me com o Inácio no Hospital Pediátrico de Coimbra. Que contraste entre as batas brancas e o meu ar de camponês...!

Do meu canto, comecei a deliciar-me com as atenções e o carinho de que os médicos e enfermeiras rodearam o menino. Diria o Pai Américo: «Uma consoladela!»

— Já estiveste alguma vez doente, meu querido? — perguntou uma.

O menino, que sim. Tinha estado num hospital porque o tinha mordido uma carraça.

Pensei então no menino de oito anos, no meio das cabras e dos montes, com uma carraça sugando e envenenando...

E logo, outra:

— Meu fofinho!, para curares temos que te picar no braço. Ora deixa cá ver...

Rápido o soro a correr e ele aconchegado com a ternura de todos.

Embora tropeçando nos lençóis do aconchego, também dei comigo a repetir: — Meu fofinho!

Ainda, mais uma enfermeira, os olhos e os lábios num murmúrio de voz: «A mãe do menino?». Disse-lhe que estava longe e pensei: Nós todos somos a mãe. Até mesmo aquele médico grandalhão e de bigode preto que entrou de repente e falou: «Então como está o nosso gaiato?» O tom de voz, tão quente, enterneceu-me.

É regra na Pediatria ficar uma pessoa de família com a criança respectiva...

«Não se preocupem, nós ficamos com ele. Fica nosso.»

• Fui por ele dali a três dias. Estava feliz com os bolsos do *kispa* cheios de brinquedos. Todos os carinhos foram para ele uma alegre novidade! Tinha descoberto um sítio alegre do seu mundo novo!

Não são as teorias complicadas. As grandes coisas. Contam muito mais os gestos carinhosos e simples que nós, todos os dias, podemos pôr no coração duma criança!

Continua na página 4

DOCTRINA



A virtude da justiça põe as coisas no seu lugar

• A primeira leva houve de levantar ferro quatro dias antes do tempo marcado, em virtude de um caso de trasorelho que aqui nos apareceu, trazido ao que se presume, pelo Casimiro. E foi pena, porquanto os gaiatos já tinham aquela cor de saibro que as meninas da grande moda compram nas boticas e nós no forno da Várzea Pequena,

à mesma forneira do ano passado; e tê-la-iam mais acentuada, se não fora o mal que nos deu. Os pais estavam à chegada, aflitos com a notícia de que ia tudo doente, mas a face dos miúdos denunciou a falsidade do dito e ouviam-se vozes alegres de: «Ai, meu filho que não é verdade!» E pelos dias fora, quanto mais lavarem a cara mais coradinha ela fica, que nós aqui pintamos por dentro — às avessas das senhoras!

• É meu propósito dar toda a informação da vida das Colónias de Férias e das coisas

que nelas se passam, pois que sendo a *Obra* de todos, justo é que todos saibam; e muito principalmente desejo colocar os pontos nos *ii* e dar a cada um o que é seu, que assim manda a justiça. No justificado e louvável desejo de informar o público, jornais de Coimbra e correspondentes de fora têm falado no Padre Américo e no a que indevidamente chamam «a sua *Obra*» e informado que ele tem estado na Figueira com crianças. Ora a verdade inteira é que as Colónias de mar a que se referem, são conduzidas pelas Criaditas dos Pobres, essas ignoradas *cananeias* de Coim-

bra que se alimentam dos restos e vivem da Fé.

• Sem recursos nem receitas, elas conduzem durante o ano uma creche de setenta bebés, uma casa de costura e um patronato. Dirigem a Cozinha do Paço do Conde, visitam famílias no tugúrio, onde remendam roupas, ajeitam camas, esfregam sobradões, levam de comer — e, com um tacto delicado e um saber que é dom de Deus, aconselham o Pobre. Seguem duas a duas, como o Mestre mandou os discípulos; e nos becos e vielas da Baixa exercem entre si a mesma caridade que as leva ao Pobre.

Desconhecidas do mundo, somente nomeadas por aqueles a quem fazem bem, para que nada falte ao seu evangelho, têm muitas vezes de suportar críticas e reparos das gentes a quem faltam asas como as delas e gostam de ver tudo de rastos. Fazem o Bem bem feito, infinitamente mais e melhor do que o Padre Américo; e só este (não sei bem porque sinal) está condenado a andar na boca de toda a gente, como o pão branco das feiras nas mãos de todo o feirante. Dá pena!

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Do que nós necessitamos

Ponto de encontro

Esta coluna não tem fim. Começa e recomeça. É sempre nova. Apresenta-se, cada dia, com a frescura que lhe dá tudo o que nasce do coração. Por isso é um ponto de encontro sempre celebrado.

«Sou uma assinante do vosso jornal. Leio-o e releio-o e penso como seria bom que todo o mundo pensasse no amor do próximo por amor de Deus. Estou velha e sou reformada. Não posso dispor de mais nesta altura. Prometo fazer todos os sacrifícios que puder para vos ajudar». Quem duvida da solidez do edifício que assenta em pedras tão valiosas?

Cada um tem o seu lugar na vida. Uns mais à frente; outros mais atrás; todos de mãos dadas para que a ninguém falte o necessário para fazer o seu caminho. «Este valor é para a assinatura d' O GAIATO. O restante será para o que julgarem mais necessário. Que a vossa Obra continue. Pena é que nem todos compreendam a ajuda da rectaguarda que bem necessária é para a sua continuidade.» É pouco? É muito? Não sabemos. «Aqui estou a enviar uma migalhinha para aquilo que for mais urgente. Sei que isto é apenas uma gotinha de água no vosso grande oceano. Rezem por mim e pelos meus filhos.»

Sinal de compromisso

O apelo à comunhão na vida está patente em todas as dádivas. A partilha dos bens materiais é o sinal dum compromisso mais rico. Não há

negócio. Há dom que, por natureza, gera corrente. Quando assim é, a alegria da oferta é tão natural nos mil contos que nos chegam discretamente como na moeda do óbulo da viúva.

«Ofereço esta pequena quantia das minhas poupanças e peço uma oração ao Senhor por um filho meu que tem um problema que pode ser grave.» Mais uma achega «duma santa velhinha que muito admira a vossa Obra». Nem mais nem menos: «Aqui junto segue a nossa participação. É o correspondente à mensalidade que efectuamos também para pagamento da nossa casa». A vida de cada um ou de casal não é um compartimento fechado. Os outros também fazem parte do nosso ter e do nosso ser.

O mundo seria mais fraterno

Tenho para mim que os grandes mestres da economia mundial muito tinham a aprender nos livros da sabedoria da gente simples. E o mundo seria mais solidário, mais humano e mais fraterno.

«Ao ver a alegria que estes rebuçados proporcionaram aos meus filhos, pensei que, de algum modo, ela poderia ser alargada a muitas outras crianças das idades dos meus. A intenção é precisamente esta: poder sentir no rosto dos outros a alegria que vi no rosto dos meus pequenitos. Por isso, segue um cheque para encaminhar para onde as necessidades forem mais presentes.» Que coisa mais bela! São os aumentos de ordenados que nos são confiados com tanto entusiasmo; é «a nossa modesta quantia», de há muitos anos; é a boa

vontade de uma família que tem muitos filhos e que sabe o que é sofrer com e pelas crianças; é «a recordação que tenho em minha memória que jamais me faz esquecer que também necessitam de uma mãozinha amiga».

Oceano de bondade

Mais: «Venho informar de que casei, mas não foi possível convidar-vos a todos para serem testemunhas da

minha felicidade. Sou um dos vossos muitos amigos que não conheço pessoalmente. Envio um cheque». A leitura das mensagens que nos vão chegando, dia após dia, revela o oceano de bondade onde a Obra da Rua vai beber e explica-nos também a sua fecundidade.

«Que Deus nos ajude para termos possibilidades de partilhar com os outros.» Quem assim escreve sabe que a natureza é fraca. Por si

mesma não tem força para resistir à tentação do egoísmo que é feroz e capaz de destruir a obra que um coração bom pode realizar. Quantas vítimas?!

As paróquias valem pela sua vivência comunitária. Na dimensão humana e espiritual é assim: «16 envelopes da paróquia de Santa Maria da Feira». Oh, que alegria!: «Junto um cheque para a minha assinatura d'O GAIATO. Junto também

outro, relativo a um aumento de ordenado — há muito tempo esperado — que minha mulher faz gosto em repartir com a Obra da Rua». Mais: «Uma pequena migalhinha para a vossa Obra. Prometi a mim mesma uma presença mensal, durante o ano corrente. Já passou o 1º mês sem cumprir, mas não quero que passe o 2º mês sem o fazer». Mais uma presença de 5.000\$00, da «Zé Ninguém».

Padre Manuel António

SETÚBAL

Uma iniquidade

As nossas obras têm-me absorvido demasiadamente. Pela sua extensão, pelos riscos, pelos custos, por ter de as fazer com os rapazes, pela dificuldade de mexer em telhados num ano de tanta chuva — já cheguei a pensar que não sou capaz.

Umhas vezes com mais força e mais gente, outras com menos, lá vamos andando. Está coberta a casa-mãe com um bom aproveitamento dos sótãos, a casa um e a casa quatro. Logo que o tempo apareça mais seguro e menos húmido lançar-nos-emos à cobertura das casas dois e três.

Contava com a isenção do IVA na compra dos materiais, mas nada feito. Não há apoio legal — esclarecem os serviços. Só para facturas com valor superior a 200 contos.

Poderíamos, julgava eu, pedir aos fornecedores que nos fossem passando guias ou facturas provisórias até atingir aquele valor. Mas não pode ser. A fiscalização obriga-os a facturarem após dois ou três dias. Resultado: Nós temos que pagar e ninguém nos indemniza. A lei foi feita para os grandes. Para isentar os grandes empreendimentos feitos por empreiteiros de facturação superior a 200 contos. O pobre, o pequenino, vai construindo e pagando com o seu sangue também o IVA. É o que nos acontece. É iníquo. Mas é. E temos de viver assim. Não há apoio legal. Se ao menos estes dinheiros revertessem em favor

dos Pobres! Mas não. Toda a gente sabe que não.

Festas

Alguns rapazes pegaram nas Festas e elas vão estar de pé nos finais de Abril e por todo o mês de Maio.

Não queria que esta tradição se interrompesse.

As Festas são precisas. Para nós e para o público que nos apoia.

Os rapazes dos 16 anos aos 20 deviam ser os entusiastas a começar pelos mais dotados. Nem sempre assim acontece. Começo a notar nestas idades um certo amolecimento e falta de genero-

sidade. A televisão, com a sua contínua e perseverante catequese destruidora de todos os ideais, é a mais favorita.

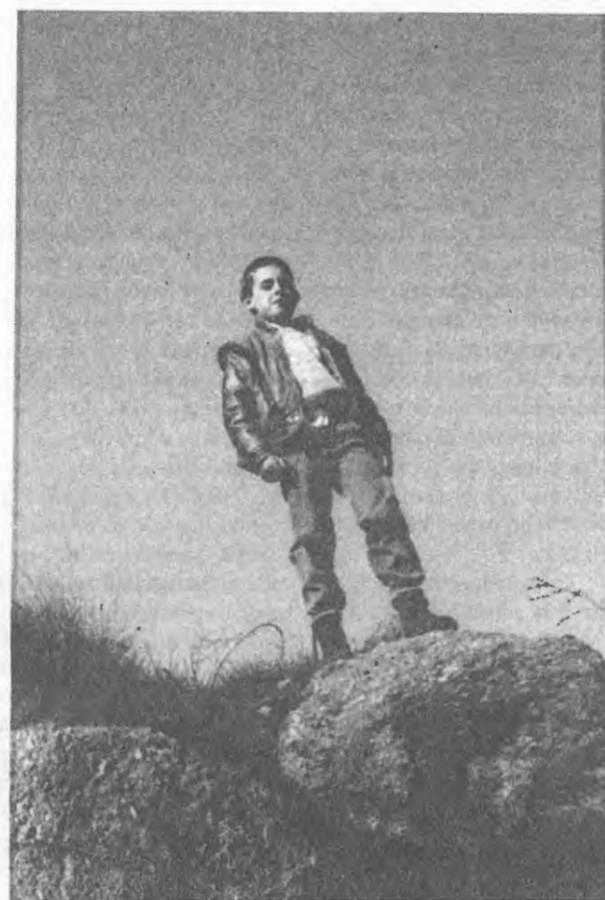
A Festa exige-vos, caros rapazes, muitos sacrifícios. Mas liberta-vos de várias opressões. É preciso que a Festa seja de todos e Festa para todos.

Padre Acílio

UMA CARTA

«Que o ano de 1991 vos traga o que mais desejarem. Provavelmente muita paz, amor e a diminuição da miséria... toda ela (seja sob que forma se apresente). Segue o meu pequeno contributo... O outro, dou-o através da atenção, carinho, paciência e dedicação que devoto aos meus alunos da Escola Preparatória. A maioria conhece bem a miséria; e, frequentes vezes, o professor, se atento e carinhoso, é o pai e a mãe que não têm (ou não conhecem). Não tenho filhos e a eles me dedico, mesmo quando o cansaço, a doença ou as horrosas condições de degradação da Escola nos convidam ao absentismo. Desculpem a honestidade, apesar de não ser católica praticante e nem sempre partilhar da fé por vós veiculada, aprecio-vos — a um nível que transcende as nossas ideias — o calor humano, a amizade, a dedicação, o amor e a perseverança de quem quer ajudar um pouco neste mar, frequentemente amargo. É nesta base que leio e assino O GAIATO. No carinho com que exerço a profissão de educadora tenho-vos sempre presentes. Pudessem os homens pôr as suas convicções de lado... e este Mundo seria outro!»

Assinante 30332»



Nas alturas... vemos melhor a nossa pequenez!



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 4239

Tiragem média, por edição, no mês de Março: 73.900 exemplares.

PARTILHANDO

Continuação da página 3

Fui visitar, algures, um amigo a um centro de recuperação: Sente-se perdido. Perdeu a sua própria pessoa. O carinho e compreensão do pessoal de serviço não sai do coração, somente das batidas brancas. Não há flores. São asas mortas os carros de rodas que deslizam pelos corredores. As mesinhas entre os sofás escuros parecem placas de gelo. Gotas invisíveis de frio arrefecem os corações.

Fez-me pena...

Todos os carecidos guardam a sua esperança, não a comunicam no receio de a perderem — no ar — como o papagaio de papel.

Não vi um sorriso...

O edifício é bom e funcional; esqueceram, porém, as árvores, as flores, os repuxos e os lagos.

Não há coração que dispense as estrelas!

Só o amor aquece e dá asas para voarmos no céu azul!

Padre Telmo